

## **UMA LEITURA SÓCIO-HISTÓRICA DA IMITAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

FERNANDES<sup>1</sup>, Vera Lúcia Penzo – UFMS – verapenzo@yahoo.com.br

GE: Educação e Arte / n.01

Agência Financiadora: CAPES

Este artigo tem origem em estudos sobre a imitação no processo de ensino e aprendizagem e visa explicitar o conceito de imitação sob a ótica de Vigotski, que apresenta fundamentos necessários para uma nova e atual interpretação sobre a imitação no processo de aprendizagem, bem como oferece subsídios para análise da imitação e suas implicações na constituição das funções psicológicas superiores e da sua configuração no processo de ensino e aprendizagem.

No cotidiano escolar a imitação é pouco discutida e até mesmo naturalizada, o que não permite uma visão mais ampla da imitação no processo de ensino e aprendizagem. A naturalização e a ausência da compreensão da imitação podem ser comprovadas se tomarmos como referência o ensino de arte, onde a imitação é vista de maneira negativa, pois restringe a criatividade e neutraliza a livre expressão dos alunos, como na frase “quem copia não cria” e, na discussão sobre a relação entre cópia e releitura de obras de arte (PIMENTEL, 2000). Ao mesmo tempo é comum ouvir, no cotidiano escolar, as frases: “o professor deve ser um exemplo!”, “olhe, como o seu colega faz!”. Ou seja, a imitação é o fazer igual a alguém de maneira mecânica, não representando as possibilidades cognitivas do sujeito.

Neste texto procuramos desvelar o conceito de imitação, evidenciando um novo olhar para esta atividade presente no processo de aprendizagem, sustentando a hipótese de que através da imitação, as crianças fazem uma recriação e não a mera cópia do mundo em que vivem, pois, ao apropriarem-se dos conhecimentos historicamente acumulados, transformam-se e transformam esses conhecimentos. A imitação é inerente ao processo de aprendizagem, sofrendo determinações históricas e culturais, não de forma mítica ou mecânica, mas como um determinante para a aquisição do conhecimento e, por consequência, para o desenvolvimento do aluno.

A imitação é uma atividade intelectual em que o indivíduo age sob a influência do outro, porém, assimila o saber conforme o nível de desenvolvimento em que se

---

<sup>1</sup> Este texto foi escrito com base na dissertação “A imitação no processo de Ensino e Aprendizagem em Arte”, defendida em 2005, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

encontra, permitindo que o ser humano entre em contato com a cultura existente – abordagem essa radicalmente diversa da abordagem tradicional, que pressupõe a imitação como cópia mecânica.

A seguir, apresentaremos alguns pressupostos básicos para a compreensão sócio-histórica da imitação, objetivando desvelar a imitação como inerente e imprescindível ao processo de ensino e aprendizagem e na compreensão da constituição social do ser humano.

### ***1. Algumas notas sobre as origens da imitação e sua função pedagógica***

A palavra imitação advém do grego *mímeses* (ABBAGNANO, 1982). Sendo utilizada por Platão para indicar a relação entre as coisas sensíveis e as idéias, a *mímeses* é a definição da arte. O mundo sensível é a imitação do mundo inteligível, onde a arte – pintura, escultura, poesia, teatro, retórica – é a imitação das coisas sensíveis ou dos eventos que se desenvolvem no mundo sensível, desta forma, a arte é duplamente imitativa, uma vez que é imitação da imitação, não oferecendo condições para se entender ou se chegar ao mundo das Idéias (PLATÃO, 1985). Já a *mímesis*, como narrativa, ocupa um lugar relevante na estrutura de organização do mundo concebido por Platão, justamente pela sua função pedagógica, exalta o valor das artes narrativas na formação do homem ideal, uma vez que através de fábulas pode-se influenciar a formação da virtude e da moral.

Aristóteles (1984), em sua obra *Poética*, utilizará a *mímesis* como definição para o que seja arte, que é vista de maneira filosófica como *poética*<sup>2</sup> ou ação fabricadora, delegando à arte um valor contrário ao de Platão. Para Aristóteles,

Imitar é natural ao homem desde a infância – e nisso difere dos outros animais, em ser o mais capaz de imitar e de **adquirir os primeiros conhecimentos por meio da imitação** – e todos têm prazer em imitar (1992, p. 21-22. Grifos nossos).

Desta forma a imitação sendo um aspecto inerente à atividade humana favorece o aprendizado, ou seja, a imitação contribui para a educação. Aristóteles, enaltece o valor pedagógico da imitação quando evidencia a catarse que a arte propicia, pois ao ver

---

<sup>2</sup> De acordo com Chauí (1994, p. 321), a Filosofia trata as artes sob a forma da Poética e a partir do século XVIII, sob a forma da Estética, a ciência que estuda o Belo.

um espetáculo teatral, o espectador vivencia, experimenta sensações inusitadas que são purgadas no momento em que se deparam com tal representação<sup>3</sup>.

O conceito de imitação está presente nas discussões sobre estética. A discussão sobre os aspectos imitativos da arte representa uma questão filosófica da relação entre arte e natureza, onde a verossimilhança é o que garante a existência do belo e da continuidade da arte, ou seja, a produção artística, seja qual for, será bela na medida em que for fiel ao seu modelo (RIBON, 1991; BAYER, 1979).

Na história da educação a imitação permeia todo o processo educativo, desde a antigüidade até os dias de hoje, estando associado a uma relação mecânica de ensino, favorecendo a concepção tradicional de educação que pressupõe que os modelos são reproduzidos tal e qual são apresentados aos alunos (FERNANDES, 2004), nesse sentido, é importante destacar que a imitação é a base sólida na qual se sustenta a arte de ensinar tudo a todos: a didática magna (GASPARIN, 1994).

A imitação na psicologia é estudada em diferentes correntes teóricas. Na teoria genética, a imitação acompanha o nível de desenvolvimento, formando estruturas internas de representação simbólica evidenciando a inteligência, sendo cópia de imagens que são interiorizadas (PIAGET, 1978). Para a concepção behaviorista, a imitação é a cópia objetiva e mecânica do que está próximo, modificando o comportamento do indivíduo e compondo seus hábitos. A criança aprende por modelagem, observação (FRANÇA, 1998).

Esta tradição será quebrada por Vigotski, que vê na imitação um processo dinâmico que favorece e possibilita a aprendizagem, desmistificando o aspecto mecânico ou restrito que lhe é conferido. Questão que não tem passado despercebido por estudiosos da obra de Vigotski, como podemos observar em Duarte (1999), Damiani (2001) e Gasparin (2002).

## ***2. A imitação segundo Vigotski***

As reflexões oriundas da psicologia sócio-histórica evidenciam uma rede de conexões que possibilita sair da esfera do conhecimento superficial para chegar à essência do fenômeno, indo além da aparência cristalizada e naturalizada da imitação.

---

<sup>3</sup> O conceito de catarse será utilizado por Vigotski em Psicologia da Arte (2001b), como forma de explicar a função pedagógica da arte, fazendo referência ao conceito utilizado por Aristóteles.

É importante destacar que a imitação pode ser compreendida num **sentido restrito**, como um aspecto mecânico, de cópia do real, que contribui para a acumulação do conhecimento, para a formação de habilidades. Vigotski não descarta a possibilidade de que existam momentos em que a imitação se torne meramente um fazer mecânico, mas procura expandir este sentido restrito para um **sentido amplo**, onde a imitação é a base sobre a qual ocorre a apropriação do conhecimento e o desenvolvimento do ser humano, isto se for compreendida na perspectiva sócio-histórica, com uma atividade humana carregada de intencionalidade e de elaboração intelectual. Existindo, então uma unidade dialética entre a imitação mecânica e a imitação intelectual.

Vigotski trata da imitação em distintos momentos de sua obra. Destacaremos as menções mais relevantes expressas nas obras: *Imaginación y el Arte en la Infancia* (1987), *Historia Del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores* (1995), *Psicologia Concreta do Homem* (2000), *A Construção do Pensamento e da Linguagem* (2001a) e *Psicologia Pedagógica* (2001c).

No estudo desenvolvido, ficou evidente que na tradução do inglês da obra *Pensamento e Linguagem*, publicada em 1993 (VYGOTSKY, 1993), a presença da imitação no processo de aprendizagem, apresenta-se descolada do conjunto da obra de Vigotski: o texto está de tal forma mutilado que o conceito de imitação que dele sobressai é uma mera sombra do real significado presente no texto original. Na mesma obra traduzida direta do russo, publicada em 2001 (VIGOTSKI, 2001c), é possível chegar ao conceito de imitação e entender por que Vigotski fala da imitação no processo de aprendizagem, além de possibilitar que estabeleçamos relações entre outras obras de sua autoria.

O principal conceito de imitação emerge do entendimento sobre a concepção de zona de desenvolvimento proximal<sup>4</sup>. Vigotski (2001a), após ter definido a idade mental de duas crianças com idade equivalente a oito anos aplicou-lhes testes que elas não conseguiriam resolver sozinhas, pois eram destinados a crianças das idades seguintes. As duas foram ajudadas com demonstrações e sugestões. Ao final dos testes, verificou que uma das crianças, com ajuda, em cooperação e por sugestão, conseguiu resolver problemas elaborados para uma criança de doze anos, ao passo que a outra não conseguiu ir além da solução de problemas para crianças de nove anos. Está

---

<sup>4</sup> Em traduções mais recentes da obra de Vigotski, utiliza-se o termo “zona de desenvolvimento imediato”. Porém, optamos pelo uso do termo “zona de desenvolvimento proximal”, por ser mais representativo do pensamento de Vigotski sobre o desenvolvimento que está por vir, que está próximo.

discrepância entre a idade mental real ou o nível de desenvolvimento atual, determina a zona de desenvolvimento imediato da criança (VIGOTSKI, 2001a, p. 327). A zona de desenvolvimento proximal tem para a dinâmica do desenvolvimento intelectual e de aproveitamento maior importância do que o nível atual de desenvolvimento, pois confirma a tese de que uma criança ajudada ou em colaboração, poderá fazer mais do que quando o faz sozinha. É justamente nesse ponto que Vigotski apresenta a questão da imitação:

Na velha psicologia e no senso comum, consolidou-se a opinião segundo a qual a imitação é uma atividade puramente mecânica. Desse ponto de vista, costuma-se considerar que, quando a criança resolve o problema ajudada, essa solução não ilustra o desenvolvimento do seu intelecto. Considera-se que se pode imitar qualquer coisa. O que eu posso fazer por imitação ainda não diz nada a respeito da minha própria inteligência e não pode caracterizar de maneira nenhuma o estado do seu desenvolvimento. Mas esta concepção é totalmente falsa (2001a, p.328).

Ela é falsa pelo seguinte motivo: só é possível imitar aquilo que está na zona de potencialidades intelectuais, por exemplo, se uma criança não sabe desenhar, pode um renomado artista mostrar como desenhar que ela não conseguirá fazê-lo. Se a criança já sabe desenhar, porém tem dificuldade com uma determinada técnica, a demonstração de como se faz a levará à solução. Contudo, se a criança ainda não for capaz de dominar técnicas mais apuradas, a demonstração não fará com que o pensamento dê um passo nessa direção, ou seja, para imitar é preciso ter alguma possibilidade de passar para além do que já se sabe fazer, para o que não se sabe fazer. A criança, ao fazer algo em colaboração, sempre pode fazer mais do que sozinha.

[...] O desenvolvimento decorrente da colaboração via **imitação**, que é a fonte do surgimento de todas as propriedades especificamente humanas da consciência, o desenvolvimento decorrente da **imitação** é o fato fundamental. Assim, o momento central para toda a psicologia da aprendizagem é a possibilidade de que a colaboração se eleve a um grau superior de possibilidades intelectuais, a possibilidade de passar daquilo que a criança consegue fazer para aquilo que ela não consegue por meio da **imitação**. Nisso se baseia toda a importância da aprendizagem para o desenvolvimento, e é isto o que constitui o conteúdo do conceito de zona de desenvolvimento imediato. A **imitação**, se concebida em sentido amplo, é a forma principal em que se realiza a influência da aprendizagem sobre o desenvolvimento. A aprendizagem da fala, a aprendizagem na escola se organiza amplamente com base na **imitação**. Porque na escola a criança não aprende o que sabe fazer sozinha mas o que ainda não sabe e lhe vem a ser acessível em colaboração com o professor e sob a sua orientação. O fundamental na aprendizagem é justamente o fato de que a criança aprende o novo. Por isso a zona de desenvolvimento imediato, que

determina esse campo de transições acessíveis à criança, é a que representa o momento mais determinante na relação da aprendizagem e do desenvolvimento (VIGOTSKI, 2001a, p. 331. Grifos nossos).

A relevância e a importante função que a imitação ocupa no desenvolvimento e na aprendizagem está diretamente relacionada à complexidade das relações sociais e à organização do trabalho didático do professor. A capacidade intelectual do aluno será ampliada na medida em que houver maior intervenção do professor como mediador e organizador do processo de aprendizagem dos alunos.

Para compreendermos como ocorre a imitação será necessário estabelecer, ainda a distinção sobre a imitação nos animais e a imitação nos homens. Vigotski nos mostra, citando como exemplo experiências realizadas com chimpanzés, que a imitação nos animais está limitada às suas próprias possibilidades intelectuais, ou seja, o animal pode, por imitação, fazer apenas aquilo que é capaz de fazer sozinho. A imitação não o faz avançar no campo intelectual.

É verdade que o macaco pode ser treinado para executar operações infinitamente mais complexas a que não chegaria por sua própria inteligência. Neste caso, porém, a operação seria executada simplesmente de forma automática e mecânica com habilidade sem sentido e não como solução racional e pensada. A psicologia animal estabeleceu vários sintomas, que permitem distinguir a imitação intelectual consciente da cópia automática (VIGOTSKI, 2001a, p. 330).

Aqui é possível distinguir duas formas de imitação: a primeira é a imitação como uma atividade intelectual, pois, como já afirmamos anteriormente, a imitação só ocorre quando existe um nível de desenvolvimento, a criança executa uma atividade mental que leva a uma reelaboração do conhecimento até então apropriado.

A outra é a imitação como cópia mecânica. A cópia é uma imitação mecânica que serve para adestrar, para ampliar e formar habilidades, mas não contribui para o desenvolvimento intelectual; segundo Vigotski (2001a) “a imitação do animal está rigorosamente limitada às suas próprias possibilidades intelectuais”. Com a imitação a solução de um problema é quase imediata, enquanto no adestramento do animal é preciso tantas repetições que fica evidente que “o processo de aprendizagem não revela nenhuma consciência, nenhuma compreensão das relações estruturais, realiza-se de forma cega e não estrutural” (VIGOTSKI, 2001a, p. 330). No entanto, existe uma diferença radical entre os dois aprendizados, o animal, inclusive o mais inteligente, é incapaz de desenvolver as suas faculdades intelectuais através da imitação ou da aprendizagem, ele é apenas capaz de decorar por meio do adestramento. Na criança,

ocorre o contrário, a imitação desencadeia toda uma série de funções que se encontram em fase de amadurecimento, fortalecendo e acrescentando habilidades que até então não estavam afloradas.

As duas formas de imitação são apresentadas por Vigotski como forma de ressaltar a relevância da segunda sobre a primeira. A exemplificação, por meio da imitação mecânica que os animais realizam, caracteriza a crítica que o autor faz sobre os sentidos restritivos que a imitação pode assumir, quando não compreendida em sentido mais amplo.

No caso dos testes que envolviam a utilização da palavra associada a um conteúdo escolar, a resposta foi aplicada de maneira correta porque a criança conhecia as causas – elas foram estudadas na escola. Nesse caso, a criança realiza uma operação que tem uma história, uma vez que a resposta,

Não se constitui no momento em que foi feita a experiência, esta é uma espécie de etapa conclusiva que só pode ser entendida se relacionada com as etapas precedentes. Ao trabalhar o tema com o aluno, o professor explicou, comunicou conhecimentos, fez perguntas, corrigiu, levou a própria criança a explicar. Todo esse trabalho com conceitos, todo o processo da sua formação foi elaborado pela criança em colaboração com o adulto, no processo de aprendizagem. E quando a criança resolve agora a questão, o que o teste exige dela? Habilidades para imitar, para resolver esta questão com ajuda do professor, mesmo que no momento da solução não tenhamos a situação atual e a colaboração. Elas estão no passado. Desta vez a criança deve utilizar-se sozinha dos resultados da sua colaboração (VIGOTSKI, 2001a, p. 341).

A criança respondeu com a ajuda do professor, mesmo que ele não estivesse ao seu lado e, utiliza-se dos procedimentos intelectuais ou das técnicas utilizadas pelo professor para desenvolver o seu próprio raciocínio. Afirmar que a criança imita não quer dizer que ela olhe outra pessoa nos olhos e a imite, mas quer dizer que uma ação futura apresente traços do fazer do outro – este é um aspecto subjetivamente implicado nas relações cotidianas de sala de aula. O aprender imitando significa que a criança não aprende sozinha, que ela precisa de outras pessoas para aprender.

No processo de ensino, é preciso ter clareza que na idade escolar toda matéria sempre exige mais da criança do que ela pode dar, ou seja, na escola a criança desenvolve uma atividade que a obriga a colocar-se acima de si mesma. Por isso, é necessário que o professor ensine não o que a criança é incapaz de aprender, ou o que já faz sozinha, mas deve lhe ensinar o que ela pode aprender em colaboração, via imitação.

### ***3. A imitação e a natureza social das funções psicológicas superiores***

Tais investigações demonstram “a natureza puramente social dos processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores, que surgem a partir do desenvolvimento cultural da criança cuja fonte é a colaboração e a aprendizagem” (VIGOTSKI, 2001a, p. 335). No entanto, o que significa dizer a “natureza puramente social das funções psíquicas”? E como a imitação situa-se nesse processo? O conceito de desenvolvimento das funções psíquicas superiores, segundo Vigotski (1995), engloba dois grupos de fenômenos que a princípio parecem completamente heterogêneos: um corresponde aos processos de domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento: a linguagem, a escrita, o desenho; ao outro correspondem os processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores especiais, não limitadas nem determinadas com precisão, que na psicologia tradicional são a atenção voluntária, a memória lógica, a formação de conceitos etc. O ponto principal dessa investigação consiste em estudar a passagem da influência social, exterior ao indivíduo, para a influência social, interior ao indivíduo, quando se trata de esclarecer os momentos mais significativos que integram esse processo (VYGOTSKI, 1995, p. 87). Vigotski procura, também, superar a concepção mecanicista de que o desenvolvimento da linguagem ocorre por intermédio de um processo de formação de hábitos ou que favorece a percepção de reflexos condicionados. Para superar essas concepções o autor busca a história natural dos signos:

[...] La historia natural de los signos nos enseña que las formas culturales del comportamiento tienen raíces naturales en las formas naturales, que están unidas a ellas por miles de conexiones y surgen a base de estas últimas y de ninguna otra forma. Allí donde los investigadores veían hasta ahora bien un simple descubrimiento bien un simple proceso de formación de hábitos, la investigación real pone de manifiesto la existencia de un complejo proceso de desarrollo (VYGOTSKI, 1995, p. 136).

Esse complexo de processos de desenvolvimento ocorre por uma das vias fundamentais do desenvolvimento cultural da criança: a imitação.

Puedes parecer que al referirnos a la imitación como una das vías fundamentales del desarrollo cultural del niño volvemos a los prejuicios que acabamos de mencionar. La imitación, podría decirnos el partidario de la teoría de los hábitos, nos es otra cosa que la transferencia mecánica de una forma de conducta ya elaborada a otra, es justamente el proceso de formación de hábito y lo conocemos muy bien por el desarrollo de los animales (VYGOTSKI, 1995, p. 136).

De fato, a psicologia explicava a imitação de forma puramente mecanicista, conforme explicitado anteriormente é muito mais complexa. Na obra *Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*, o autor afirma categoricamente que renuncia o entendimento da imitação como uma simples formação de hábitos e compreende a imitação como uma atividade essencial no desenvolvimento das formas superiores do comportamento humano.

As formas de relação social são duplas: existem relações que são diretas e outras que são mediadas. As diretas se baseiam em formas instintivas de movimentos e ações expressivas, por exemplo, as primeiras formas de contato social da criança se estabelecem pelos olhares, pelos balbucios e gritos. As relações mediadas aparecem em nível superior, cujo aspecto fundamental é o signo, instrumento pelo qual se estabelece a comunicação. Essas formas mediadas de comunicação são produto das formas de relações diretas ao mesmo tempo em que delas se diferenciam.

[...] Toda función psíquica superior fue externa por haber sido social antes que interna; la función psíquica propiamente dicha era antes una relación social de dos personas. El medio de influencia sobre sí mismo es inicialmente el medio de influencia sobre otros, o el medio de influencia de otros sobre el individuo (VYGOTSKI, 1995, p. 149).

As relações externas ao indivíduo, constituídas socialmente, influenciam a constituição das funções psíquicas do indivíduo por meio da imitação e de outros mecanismos. Para Vigotski o todo cultural é social e a cultura é um produto da vida social e da atividade social.

Podríamos decir, por otra parte, que todas las funciones superiores no son producto de la biología, ni de la historia de la filogénesis pura, sino que el propio mecanismo que subyace en las funciones psíquicas superiores es una **copia de lo social**. Todas las funciones psíquicas superiores son relaciones interiorizadas de orden social, son el fundamento de la estructura social de la personalidad. Su composición, estructura genética y modo de acción, en una palabra, toda su naturaleza es social; incluso al convertirse en procesos psíquicos sigue siendo casi-social. El hombre, incluso a solas consigo mismo, conserva funciones de comunicación. [...] Modificando la conocida tesis de Marx, podríamos decir que la naturaleza psíquica del hombre viene a ser un conjunto de relaciones sociales trasladadas al interior y convertidas en funciones de la personalidad y en formas de su estructura. No pretendemos decir que ese sea, precisamente, el significado de la tesis de Marx, pero vemos en ella la expresión más completa de todo el resultado de la historia del desarrollo cultural (VYGOTSKI, 1995, p. 151).

A “conhecida tese de Marx” é a de que “[...] a essência do homem não é uma abstração inerente ao indivíduo. Na sua realidade, ela é o conjunto das relações sociais”

(MARX; ENGELS, 1989, p. 95). É o coletivo que forma o indivíduo. Em verdade, muito se fala da influência do meio social sobre o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, mas se esquece de perguntar qual o mecanismo que propicia essa influência. De acordo com o exposto acima, esse mecanismo é a própria imitação, que “generaliza as reações individuais” (VIGOTSKI, 2000).

Conforme consta nos manuscritos de 1929, “1) a pessoa influencia a pessoa – obrigatoriamente de fora, com a ajuda de sinais; 2) a pessoa influencia a si – de fora e com a ajuda de sinais, isto é, de modo social [...]” (VIGOTSKI, 2000, p. 39). A partir do que podemos inferir que as relações sociais são imitadas por meio de influências externas, que posteriormente se tornam internas e que também são mediadas. Ou seja, para entender o desenvolvimento das funções psicológicas é preciso que se entenda que um dos mecanismos que determina a sua constituição é a imitação. Ocorre que essas relações são mediadas por signos, o que não significa que a imitação seja o único meio de assimilação da cultura, mas que ela é o principal mecanismo para a sua formação.

Quando Vigotski (2001a) observa que o mecanismo das funções psíquicas superiores é uma cópia do social, devemos entender que essa cópia não é mecânica. É uma cópia na medida em que representa as mesmas características da organização das relações social. Assim como

A produção das idéias, das representações e da consciência está, a princípio, direta e intimamente ligada à atividade material e o comércio material dos homens; ela é a linguagem da vida real. As representações, os pensamentos, o comércio intelectual aparecem aqui ainda como uma emanção direta de seu comportamento material. O mesmo acontece com a produção intelectual tal como se apresenta na linguagem da política, nas leis, da moral, da religião, da metafísica etc. De um todo um povo. São os homens que produzem suas representações, suas idéias etc., mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar. A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real (MARX; ENGELS, 1989, p. 20).

O que Vigotski faz ao explicar como ocorre o processo de aprendizagem e como ocorre o desenvolvimento cultural, dando ênfase à imitação e à mediação, é coerente com os pressupostos marxistas que o sustentam:

O fim da história não se acaba resolvendo em “consciência de si”, com “espírito do espírito”, mas sim que a cada estágio são dados um resultado material, um soma de forças produtivas, **uma relação com a natureza e entre os indivíduos e transmitidos a cada geração por aquela que a precede**, uma massa de forças produtivas, de capitais e

de circunstâncias, que, por um lado, são modificados pela nova geração, mas que, por outro lado, ditam a ela as próprias condições de existência e lhe imprimem um determinado desenvolvimento, um caráter específico; por conseguinte as circunstâncias fazem os homens tanto quanto os homens fazem as circunstâncias (MARX; ENGELS, 1989, p. 36. Grifos nossos).

Se as circunstâncias fazem o homem, elas o fazem na dinâmica das relações coletivas, num processo de imitação, que se configura no interior da categoria reprodução. As forças produtivas são transmitidas a cada geração por aquela que a precede, num processo que é sempre coletivo e que emana do social para o individual. Mais que modificar a tese de Marx, o que Vigotski faz é explicá-la. A idéia de que a imitação é negativa ao processo criativo cai por terra, pois é justamente através da imitação que a criança entra em contato com a cultura historicamente acumulada.

A imitação, mais do que um mecanismo no processo de ensino e aprendizagem, é um dos principais determinantes na manutenção e na continuação da cultura. O que garante a manutenção da existência humana é a sua capacidade de reproduzir a cultura que o constitui e não de reproduzir somente a sua espécie.

Existe assim um impulso reprodutor ou reprodutivo que é inerente ao ser humano, que está estreitamente ligado a “nuestra memoria; su esencia reside en que el hombre reproduce o repite normas de conductas ya creadas e elaboradas o resucita rastros de antiguas impresiones” (VYGOTSKI, 1987, p. 7).

A atividade humana não se limita a reproduzir ações, mas também, diante das experiências vividas, é capaz de reelabora-las e de estabelecer novas combinações, que levam à produção do novo. Este reproduzir não é passivo, pois a reprodução está intrinsecamente ligada ao impulso criador do ser humano, que o impulsiona para diante, sendo possível graças aos conhecimentos acumulados ao longo de sua história pessoal ou de sua espécie.

A imitação é uma atividade ligada ao impulso reprodutor, mas não se restringe a este impulso, pois ao imitar o ser humano o fará sempre de acordo com as suas referências culturais que traz consigo e que lhe servirão de base para estabelecer novas associações e novas combinações de acordo com os seus interesses e necessidades. Ao imitar, o indivíduo nunca faz uma mera cópia do outro, estando em constante processo de criação. Nesse sentido, existe uma unidade dialética entre imitação e criação.

#### ***4. A imitação no processo de ensino e aprendizagem***

A compreensão do conceito de imitação segundo Vigotski evidencia a sua importância no processo de aprendizagem, mas cabe observarmos, que a imitação não deve ser tomada como um mecanismo para se ensinar. Na obra *Psicologia Pedagógica*, no capítulo em que trata da relação entre a psicologia e o mestre, Vigotski (2001c, p. 457) faz uma crítica à concepção “de que o processo educativo, por expressar-se na relação entre o professor e aluno, na sua parte mais importante esgota-se na imitação”. A imitação a que Vigotski se refere é a imitação no seu sentido restrito, que se instaura de maneira mecânica e automática no processo de ensino, em aulas prontas que educam a habilidade e a vontade de aproveitar tudo o que vem dos outros sem que o aluno precise fazer nada, como ocorre em aulas onde os alunos copiam textos do quadro-negro.

Numa relação que apenas fortalece a formação de habilidades, como ocorre na concepção de que a aprendizagem ocorre pela modelagem de comportamento, a ação imitada é uma resposta imediata e objetiva a um modelo que se reproduz. A esse tipo de educação e também tendo em vista uma “velha educação”, cabe a idéia do professor como simples fonte de conhecimento, de livro ou de dicionário de consulta, manual ou demonstrador, em suma, como recurso auxiliar e instrumento da educação (*cf.* VIGOTSKI, 2001c). Numa perspectiva sócio-histórica, pressupõe-se que

[...] Esse papel vai sendo reduzido a zero e substituído de todas as maneiras pela energia ativa do aluno, que em toda parte deve não viver do alimento que o mestre lhe fornece mas procurar por conta própria e obter conhecimentos, mesmo quando os recebe do mestre (VIGOTSKI, 2001c, p. 447).

O papel ativo do aluno demanda uma maior interação entre ele e o professor. O papel do professor consiste em estabelecer a relação da criança com os elementos do meio que age sobre ela, sem ser um modelo que deva ser imitado, porém tendo a clareza de que é um organizador do meio social e que deve saber mais do que a criança. Quando um professor ensina desenho ou literatura, fará uma grande diferença se ele conhecer ou não a história da arte.

Fica evidente, desta forma, que antes da a criança se apropriar de um conhecimento, de um conteúdo, de um conceito, eles são apropriados segundo uma determinada forma que lhe é passada por outra pessoa. Isto é, o primeiro passo do ensino e da aprendizagem é a imitação (GASPARIN, 2002, p. 88).

A imitação no ensino não deve servir de instrumento metodológico, porém como primeiro passo para a aprendizagem, precisa ser compreendida pelo professor, para que ele tenha conhecimento de como a criança aprende e do quanto, pela sua função mediadora, ele pode influenciar a criança com a organização do trabalho educativo.

É importante, demarcar que a compreensão sócio-histórica da imitação contrapõe-se radicalmente ao lema “aprender a aprender”. Nesse ideário pedagógico, pautado no pressuposto teórico construtivista, a criança aprende por um processo individual, onde as suas estruturas cognitivas quando devidamente maduras serão capazes de assimilar espontaneamente o conhecimento. Este processo é natural, ou seja, acontece com todas as crianças, para isto cabe ao professor disponibilizar ao aluno situações de aprendizagem que favoreçam o acesso ao conhecimento de acordo com o seu nível de desenvolvimento. A criança por ser dotada de um processo natural de criatividade não pode sofrer interferências, mas sim ser estimulada para que de seu interior emanem as condições necessárias para aprender. Assim, com base no ideário neoliberal, no lema aprender a aprender, tem-se a ilusão de que tudo depende do indivíduo, ao mesmo tempo o próprio sistema social reafirma os interesses individuais, que regulados pelo mercado, seriam harmonizados, num processo que se auto-regula (cf. ARCE, 2000, p. 45-7).

Admitir a presença da imitação é admitir que o ser humano é constituído nas relações sociais e culturais, no movimento contínuo da história. A essência da imitação está nas relações sociais e, no processo de aprendizagem, pode ser concreta, real, sem ser observável a olho nu. Ela está presente na própria forma do indivíduo se relacionar com os outros e nos mecanismos que formam as funções psicológicas superiores. Neste sentido, existe uma relação dialética do indivíduo com a coletividade que o constitui.

Essas determinações permitem que o indivíduo/professor continuamente recrie e reelabore o que está à sua volta. Quando o professor faz uma reprodução mecânica dos modelos que lhes são impostos, existe um enclausuramento do processo de ensino, e o professor se torna um mero repetidor desse modelo. Sem refletir sobre o que faz, ele acaba por prejudicar o processo de aprendizagem em si mesmo e no próprio aluno. Se o professor não tiver consciência de que está reproduzindo valores pedagógicos, estéticos e sociais e, que ao imitar a ação do outro sem reflexão, ele estará sendo conivente com toda uma situação que leva a uma estagnação social e um decréscimo do valor da escola, do ensino de arte e da própria educação.

Estes pressupostos básicos sobre a imitação evidenciam que o ser humano é ativo e constituído nas relações sociais. Quando falamos da reprodução mecânica, da cópia, queremos apenas demarcar uma das características da imitação que está associada a um carácter alienado da consciência. Quando a imitação é desprovida da atividade intelectual, o conhecimento adquirido torna-se fragmentado, sem objetivação, não levando ao aprendizado, nem ao desenvolvimento humano.

Isso pode ser exemplificado com a ação da professora que passa textos no quadro-negro, textos muitas vezes extraídos de livros didáticos, que são tantas vezes reproduzidos que o conteúdo explicado perde sua referência como conhecimento científico, ou seja, a reprodução mecânica de modelos pedagógicos aliena a ação pedagógica e o conhecimento transmitido torna-se desprovido de sentido e de objetivação, favorecendo a precariedade na aquisição e na transmissão do conhecimento.

Finalizando: o estudo da temática ora apresentada, sob a ótica sócio-histórica, desvela a complexidade que envolve a discussão sobre a imitação no processo de ensino e aprendizagem, principalmente por permitir uma compreensão que está além do seu aspecto cristalizado e naturalizado no cotidiano escolar. Tal complexidade envolve o aprofundamento conceitual, a constituição das funções psicológicas superiores e a configuração da imitação no processo de ensino e aprendizagem, levando a compreensão da imitação como uma atividade inerente ao processo de ensino e aprendizagem e imprescindível nas relações sociais.

O aprofundamento na compreensão dessa atividade intelectual permite a ampliação das discussões sobre o processo de ensino e aprendizagem, bem como confirma a importância da necessidade do trabalho pedagógico sistematizado e intencional.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução Alfredo Bosi et al. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- ARCE, Alessandra. *A formação de professores sob a ótica construtivista: primeiras aproximações e alguns questionamentos*. In DUARTE, Newton (org.). *Sobre o Construtivismo: contribuições a uma análise crítica*. Campinas: Autores Associados, 2000.

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução e comentários Eudoro de Souza. São Paulo: Victor Civita, 1984. (Os Pensadores; v. II).
- BAYER, Raymond. *História da estética*. Tradução José Saramago. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos Pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- DAMIANI, Magda Floriana. *As “interações ensinantes” de professoras de sucesso: aprendizagem guiada e imitação*. Trabalho apresentado no GT 13 da 23ª Reunião da ANPED - 2001. Disponível em: <portaldaanped@anped.org.br>. Acesso em: 25 ago. 2003.
- DUARTE, Newton. *Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski*. Campinas: Autores Associados, 1999.
- FERNANDES, Vera Lúcia Penzo. *A imitação no processo de aprendizagem: reflexões a partir da História da Educação e do Ensino de Arte*. Série Estudos, nº 17, Campo Grande: UCDB, 2004. (p. 157 – 169).
- FRANÇA, Ana Cristina Costa et al. *Um estudo preliminar sobre aprendizagem por modelação com sujeitos Rattus Novergicus*. 1998. Disponível em: <<http://www.nead.unama.br/revista/lato/pdf/lato41a8.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2003.
- GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para a Pedagogia histórico-crítica*. Campinas: Autores Associados, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Comênio ou da arte de ensinar tudo a todos*. Campinas, SP: Papirus, 1994. (Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico).
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: Imitação, Jogo e Sonho*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PIMENTEL, Valéria e SZPIGEL, Marisa. – “Cópia ou releitura? como não levar gato por lebre” In Pátio Revista Pedagógica, nº 14, Porto Alegre, 2000, pp.61-65
- PLATÃO. *A República*: Livro VII. Apresentação e Comentários Bernard Pietre. Tradução Elza Moreira Marcelina. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1985.
- RIBON, Michel. *A arte e a natureza*. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1991. (Coleção Filosofar no Presente).
- VIGOTSKI, L. S. *Psicologia concreta do homem*. Educação e Sociedade, Campinas, n. 71, p. 23-43, jul. 2000.

\_\_\_\_\_. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Psicologia da arte*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

\_\_\_\_\_. *Psicologia pedagógica*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001c.

VYGOTSKI, L. S. *Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Madrid: Visor, 1995. (Obras Escogidas; Tomo III).

\_\_\_\_\_. *La imaginación y el arte en la infancia*. Mexico: Hispánicas. 1987.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. Tradução Jeferson Luiz Camargo São Paulo: Martins Fontes, 1993.